

# UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA

Nicholas Sparks

## Prólogo

Onde é que uma história começa verdadeiramente? Na vida, não abundam os começos bem definidos, os momentos em que se pode dizer que tudo começou quando os recordamos. Contudo, há ocasiões em que o destino cruza a nossa vida, desencadeando uma sequência de acontecimentos cujo resultado nunca poderíamos ter previsto.

Estou acordado, devem ser 2 horas da manhã. Depois de me ter arrastado para a cama, de ter andado aos saltos e às voltas durante quase uma hora, acabei por desistir de dormir. Agora estou sentado à secretária, de caneta na mão, a tentar alinhar umas ideias acerca do meu próprio encontro com o destino. Nada que não tenha acontecido antes. Dá a impressão de que nos últimos tempos não tenho conseguido pensar em mais nada.

A casa está silenciosa, só se ouve o tiquetique compassado do relógio que está numa das prateleiras da estante. A minha mulher está no andar de cima, a dormir e eu não tiro os olhos do bloco de folhas amarelas, apercebendo-me agora de que não sei por onde começar. Não é que tenha dúvidas acerca da minha história mas, em primeiro lugar, não percebo porque é que me sinto compelido a contá-la. Qual a utilidade de desenterrar o passado? Afinal, os acontecimentos que pretendo descrever aconteceram há treze anos, mas até se poderá dizer que tudo começou dois longos anos antes disso. Mas, aqui sentado, sinto que tenho de tentar dizer o que se passou e, mesmo que não encontre melhores razões, para conseguir pôr tudo para trás das costas.

Há umas quantas coisas que me ajudam na recordação deste período: o diário que mantinha desde criança, uma pasta com artigos de jornais, a minha própria investigação e, certamente, os registos oficiais. Há ainda o facto de eu ter recordado mentalmente, centenas de vezes, todos os passos desta história; tenho tudo gravado na memória. Mas, baseada apenas nesses factos, esta história ficaria incompleta. Houve outras pessoas envolvidas, e embora eu tivesse testemunhado alguns dos acontecimentos, não estive presente em todos. Compreendo que é impossível recriar cada sensação, cada pensamento da vida de outra pessoa mas, para o melhor e para o pior, é isso mesmo que vou tentar fazer.

Esta é, acima de tudo, uma história de amor e, como já aconteceu com muitas histórias do género, a história de amor entre Afiles Ryan e Sarah Andrews assenta numa tragédia. Não deixa também de ser uma história de perdão e espero que os leitores, depois de a lerem até ao fim, se apercebam das dificuldades que Miles Ryan e Sarah Andrews tiveram de enfrentar. Espero que compreendam as decisões que eles tomaram, as boas e as más, tal como espero que acabem por entender as minhas.

Porém, para deixar as coisas claras, direi que não se trata apenas da

## UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA

Nicholas Sparks

história de Sarah Andrews e Miles Ryan. Se esta história tem um começo, teremos de falar de Missy Ryan, que na escola secundária foi namorada de um ajudante do xerife de uma pequena cidade do Sul.

Missy Ryan, tal como o marido, Miles, foi criada em New Bern. Na opinião das pessoas, ela era atraente e simpática; durante toda a sua vida de adulto, Miles nunca deixara de a amar. Missy Ryan tinha cabelo castanho-escuro e olhos ainda mais escuros, e disseram-me que falava com um sotaque que fazia tremer os joelhos dos homens de outras partes do país. Ria com facilidade, era boa ouvinte e tinha um tique que a levava muitas vezes a agarrar o braço da pessoa com quem estava a falar, como que a convidá-la para ser parte do seu mundo. E, como sucede com a maioria das mulheres do Sul, a sua vontade era mais forte do que parecia à primeira vista. Era ela, e não Miles, quem dirigia a casa; em regra, os amigos de Miles eram os maridos das amigas de Missy e a vida do casal girava à volta da família de ambos.

Missy dirigia a claque da escola secundária. No segundo ano, já era popular e adorável e, embora conhecesse Miles, este era um ano mais velho e nunca tiveram aulas juntos. Não teve importância. Apresentados por amigos, passaram a estar juntos durante os intervalos, a falar dos jogos de futebol, ou a combinar encontros durante os fins-de-semana. Não tardou que se tornassem inseparáveis e, meses depois, aquando da realização do baile da escola, estavam apaixonados.

Sei que muita gente faz chacota destes namoros juvenis, não os considerando fruto de um verdadeiro amor. Mas, no caso de Miles e Missy, o amor existia e, em muitos aspectos, era bem mais forte do que o amor experimentado por pessoas de mais idade, pois ainda não tinha sido condicionado pelas realidades da vida. Namoraram os anos que faltavam para Miles terminar o secundário; permaneceram fiéis um ao outro, mesmo quando ele saiu da terra para frequentar a universidade estadual da Carolina do Norte e Missy também se aproximava do final do curso. No ano seguinte, juntou-se a ele na universidade e quando, três anos mais tarde, Miles lhe propôs casamento durante um jantar, ela chorou, disse que sim e passou a hora seguinte ao telefone, a dar a boa-nova à família, enquanto o noivo ficou sozinho a terminar a refeição. Miles deixou-se ficar em Raleigh até Missy completar o curso. O casamento, em New Bern, encheu a igreja.

Missy empregou-se no departamento de crédito do Wachovia Bank e Miles começou a formação para o lugar de ajudante do xerife. Missy estava grávida de dois meses quando Miles começou a trabalhar no distrito de Craven, a patrulhar as ruas da terra onde ambos tinham crescido. Compraram a primeira casa, como muitos outros jovens casais e, em Janeiro de 1981, quando nasceu o primeiro filho, Jonah, Missy olhou o recém-nascido e decidiu que ser mãe era a melhor coisa que lhe sucedera até então. Embora Jonah não dormisse durante a noite até aos 6 meses, e houvesse alturas em que Missy desejaria gritar-lhe como ele gritava, ela amava o filho mais do que alguma vez julgara ser possível.

Era uma mãe maravilhosa. Deixou o emprego para dedicar todo o seu tempo a Jonah, lia-lhe histórias, brincava com ele e levava-o a brincar com

UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA  
Nicholas Sparks

outras crianças. Podia ficar horas a observá-lo, sem fazer mais nada. Quando ele chegou aos 5 anos, Missy percebeu que desejava outro filho, pelo que ela e Miles recomeçaram as tentativas. Os sete anos que levavam de casados tinham sido os mais felizes das suas vidas.

Porém, em Agosto de 1986, quando tinha 29 anos de idade, Missy Ryan morreu.

A sua morte roubou o brilho aos olhos de Jonah; perseguiu Miles durante dois anos. Abriu o caminho a tudo o que viria a seguir.

Por isso, como eu disse, esta é a história de Missy, sem deixar de ser a história de Asiles e de Sarah. E também a minha história.

É que eu também tive o meu papel em tudo o que aconteceu.

Na manhã de 29 de Agosto de 1988, pouco mais de dois anos depois da morte da mulher, Miles Ryan estava no alpendre da sua casa, a fumar um cigarro e a observar como o Sol nascente estava a mudar a cor do céu, de cinzento-escuro para cor de laranja. O rio Trent estendia-se à sua frente, com as águas sujas parcialmente encobertas pelos ciprestes alinhados ao longo das margens.

O fumo do cigarro de Miles volteava para cima e ele sentia a humidade a aumentar, a tornar o ar mais espesso. Chegada a altura, os pássaros começaram os trinos matinais, os seus assobios agudos encheram o ar. Passou um pequeno barco de pesca, o pescador acenou a Miles e este retribuiu com um ligeiro aceno de cabeça. Parecia-lhe não ter energia para mais.

Precisava de um café. Um pouco de cafeína e sentir-se-ia pronto a enfrentar o dia — levar Jonah à escola, manter a rédea curta aos habitantes que infringiam a lei, colocar ordens de despejo por todo o distrito, bem como resolver todos os problemas que não deixariam de acontecer, como o encontro com a professora de Jonah, marcado para o fim da tarde. E isto era apenas o princípio. Se assim se podia dizer, os finais de dia eram ainda mais trabalhosos. Só para manter a casa a funcionar sem sobressaltos havia inúmeras tarefas que exigiam atenção constante: contas a pagar, coisas a comprar, limpezas a fazer, reparações por toda a casa. Mesmo nos raros momentos em que parecia dispor de um pouco de tempo, Miles sentia que era melhor aproveitá-lo de imediato para não deixar fugir a oportunidade. Depressa, arranja qualquer coisa para leres. Despacha-te, tens apenas uns minutos de descanso. Fecha os olhos, o tempo de que dispões escoá-se rapidamente. Uma vida capaz de esgotar qualquer pessoa em pouco tempo; mas o que é que ele podia fazer?

Estava mesmo a precisar de um café. A nicotina já tinha deixado de fazer efeito, pensou deitar o cigarro fora, mas decidiu que tanto fazia fumá-lo como não. No fundo, não era um verdadeiro fumador. É verdade que fumava alguns cigarros durante o dia, mas não se tratava de um verdadeiro vício de fumar. Não era o mesmo que queimar um maço por dia, nem era o mesmo que fazê-lo desde há muito tempo; tinha começado depois da morte de Missy e podia parar sempre que quisesse. Mas, para quê preocupar-se? Que diabo, tinha os pulmões em bom estado — ainda na semana anterior tivera de correr atrás de um ladrão de lojas e não tinha sentido qualquer dificuldade para agarrar o miúdo. Um verdadeiro fumador não o poderia ter feito.

Mesmo assim, não fora tão fácil como quando tinha 22 anos. Mas tinham passado dez anos e, embora aos 32 ainda fosse muito cedo para começar à procura de uma casa de repouso, ele estava a envelhecer. E sentia a passagem dos anos — quantas vezes, ele e os colegas da faculdade começavam o serão por volta das 11 horas e conseguiam prosseguir-lo

## UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA

Nicholas Sparks

durante toda a noite. Nos anos mais recentes, a menos que estivesse a trabalhar, às 11 horas já era tarde e ia para a cama, mesmo que não tivesse sono. Não conseguia imaginar nenhuma situação que o levasse a querer ficar a pé. A exaustão tinha-se tornado uma constante da sua vida. Mesmo nas noites em que Jonah não tinha pesadelos — e tinha-os com certa regularidade desde que Missy morreu — Miles acordava a sentir-se... cansado. Desconcentrado. Lento, como se caminhasse debaixo de água. Na maioria das vezes atribuía o cansaço à vida movimentada que tinha; mas havia momentos em que perguntava a si próprio se não haveria algo de mais complicado. Tinha lido algures que um dos sintomas da depressão era uma «profunda letargia, sem razão ou causa». O certo é que ele conhecia a causa...

De facto, ele estava a precisar de passar um tempo descansado, numa casa pequena de frente para o mar, em qualquer praia de Key West, num lugar onde pudesse pescar uns rodovalhos ou simplesmente descansar numa rede de baloiço, a beber uma cerveja bem fresca, sem ter de tomar decisões mais sérias do que escolher entre calçar sandálias ou ir descalço para a praia, com uma mulher bonita a fazer-lhe companhia.

Essa era uma parte do problema. Solidão. Estava cansado de viver só, de acordar numa cama vazia, embora a sensação continuasse a surpreendê-lo. Era uma sensação recente. No ano que se seguira à morte de Missy nem conseguia encarar a hipótese de vir a amar outra mulher. Nunca mais. Era como se não sentisse qualquer necessidade de ter companhia feminina, como se o desejo, o prazer e o amor fossem meras possibilidades teóricas sem qualquer impacte no mundo real. Mesmo quando o choque e o desgosto diminuíram a ponto de não o fazerem chorar todas as noites, continuou a pensar que na sua vida havia qualquer coisa que não batia certo — como se tivesse saído por momentos da pista e esperasse voltar a encontrá-la dentro de pouco, não havendo, portanto, nenhuma necessidade de se preocupar demasiado.

Afinal, poucas coisas se tinham alterado depois do funeral. As facturas continuaram a chegar, Jonah necessitava de comer, a relva tinha de ser aparada. Continuava a ter um emprego. Uma vez, depois de beberem demasiadas cervejas, Charlie, o seu melhor amigo e seu chefe, tinha-lhe perguntado o que significava ficar sem a mulher; respondera-lhe que não sentia que Missy tivesse desaparecido para sempre. Parecia-lhe que fora passar o fim-de-semana com uma amiga e o tinha encarregado de tratar do Jonah, enquanto estivesse fora.

Os meses passaram e o mesmo acabou por acontecer com o torpor a que se tinha habituado. A dormência foi substituída pelo peso da realidade. Por mais que tentasse seguir em frente, Miles não conseguia deixar de pensar em Missy. Tudo lhe parecia recordá-la. Especialmente Jonah, que ficava mais parecido com ela à mediada que ia crescendo. Por vezes, encostado à porta depois de trazer Jonah para casa, ficava a ver as feições da mulher nos traços finos das faces do filho e tinha de voltar a cara para que ele não lhe visse as lágrimas. Mas a imagem não desaparecia durante horas; sempre adorara a imagem de Missy adormecida, os longos cabelos

## UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA

Nicholas Sparks

castanhos espalhados pela almofada, com um braço sempre apoiado por cima da cabeça, os lábios ligeiramente abertos, o subtil subir e descer do peito, provocado pela respiração. E o cheiro dela — algo que Miles nunca poderia esquecer. No primeiro dia de Natal depois da morte de Missy, sentado na igreja durante a missa, apercebeu-se de um vestígio do perfume que ela usava e ficou preso a essa sensação, como um náufrago que se agarra a uma tábua, até muito depois de a missa acabar.

Havia outras coisas a que se sentia apegado. No princípio da vida de casados, eles gostavam de almoçar no Fred & Clara, um restaurante pequeno, na vizinhança do banco onde Missy trabalhava. Ficava afastado do centro, sossegado, o acolhimento caloroso fazia-os sentir que nada mudaria entre eles, nunca. Quase não voltaram lá depois do nascimento de Jonah, mas Miles voltou a frequentá-lo depois da morte da mulher, como se esperasse encontrar vestígios daqueles sentimentos ainda embebidos nos painéis de madeira das paredes. Em casa, continuou a fazer as coisas da maneira como ela as costumava fazer. Como Missy gostava de comprar os artigos de mercearia à quinta-feira, Miles continuou a comprá-los nesse dia. Como Missy gostava de cultivar tomates à volta da casa, Miles também os cultivava. Missy usava sempre o mesmo detergente para a cozinha, pelo que ele não viu razão nenhuma para usar qualquer outro produto. Missy continuava sempre presente, em tudo o que ele fazia.

Mas, num qualquer momento da última Primavera, o sentimento começou a modificar-se. A modificação aconteceu sem aviso e Miles sentiu-a logo que ela apareceu. Ao passar pela baixa, de carro, deu consigo a observar um casal jovem, que caminhava de mãos dadas pelo passeio. E, por momentos, Miles imaginou que o homem era ele, e que a mulher ia com ele. Ou, se não era ela, podia ser alguém... alguém que o amasse, a ele e a Jonah. Alguém que o pudesse fazer rir, alguém que partilhasse uma garrafa de vinho com ele, durante uma refeição descansada, alguém a quem abraçar e tocar, com quem falar em murmúrios depois de as luzes terem sido apagadas. Alguém como a Missy, pensou, e imediatamente a imagem dela lhe provocou sentimentos de culpa e de traição, tão fortes que o levaram a varrer da mente o jovem casal, para sempre.

Foi o que pensou.

Nessa noite, logo depois de se ter deitado, deu consigo a pensar neles de novo. E, mesmo que os sentimentos de culpa e de traição continuassem presentes, tinham perdido muita da força que haviam revelado horas antes. Miles soube que, a partir daquele momento, tinha dado o primeiro passo, por pequeno que fosse, para, finalmente, ultrapassar a desgraça que o atingira.

Começou por encontrar justificações para a nova realidade, a dizer a si mesmo que era viúvo, que tais pensamentos não tinham nada de mal, que sabia que toda a gente concordaria que ele os tivesse. Ninguém esperava que ele fosse passar o resto da vida sem companhia; nos últimos meses alguns amigos tinham chegado ao ponto de lhe proporcionar encontros com mulheres. Além disso, sabia que Missy gostaria de vê-lo novamente casado. Tinha-lo dito mais do que uma vez, pois, como acontece com muitos casais, também eles se tinham entretido com o jogo do «que aconteceria se» e,

UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA  
Nicholas Sparks

embora nenhum deles tivesse encarado a hipótese de uma desgraça, ambos tinham concordado que não seria correcto que Jonah fosse criado só por um dos pais. Não seria correcto para o cônjuge sobrevivente. De qualquer maneira, parecia-lhe ser ainda muito cedo para resolver a questão.

Com o decorrer do Verão, a ideia de encontrar alguém começou a manifestar-se com maior frequência e com intensidade redobrada. Missy continuava presente. Missy continuaria sempre presente... mas Miles começou a pensar mais seriamente em procurar uma mulher com quem pudesse partilhar a vida. De noite, já tarde, enquanto confortava Jonah na cama de baloiço colocada nas traseiras — parecia ser a única coisa que o ajudava a afastar os pesadelos — aqueles sentimentos pareciam ter mais força e seguiam sempre o mesmo padrão. O provavelmente podia encontrar alguém mudava para provavelmente encontraria alguém; acabava por se tornar provavelmente devia procurar. Contudo, chegado a este ponto — por mais que desejasse que as coisas se passassem de maneira diferente — os pensamentos regressavam a um provavelmente não vai acontecer.